

**GIARDINELLI, Mempo. *Voltar a ler: propostas para ser uma nação de leitores.*
Víctor Barrionuevo (Trad.) São Paulo:
Companhia Editora Nacional, 2010**

Flavia Krauss ¹

Este é um livro que materializa um grande desejo de desestabilizar o caráter elitizante que reveste a leitura ainda hoje em nossa sociedade. É uma obra que, ao divulgar os resultados de uma prática, primeiramente desenvolvida em experiências pessoais, vai se estendendo aos poucos e tentando estabelecer (muito mais por conhecimento de uma causa concreta que por ginásticas conceituais) uma teoria sobre a formação de leitores: todas as conclusões às quais se chega neste livro partem de uma experiência palpável e não de malabarismos filosóficos.

Giardinelli se deixa entrever através de sua escritura em uma posição muito próxima à figura do intelectual orgânico desenhada por Gramsci, já que não fala desde uma casta separada do restante da sociedade, mas, sim, desde seu interior, entrelaçando-se às suas vicissitudes e assumindo seu papel como o resultado da interpenetração entre conhecimento científico, filosofia e ação política. *Voltar a ler...* é um livro que, consciente das condições de produção de seu tempo (tanto no âmbito econômico quanto no terreno do simbólico e do cultural), alinhava estrutura e superestrutura na construção de propostas para nos tornarmos uma nação de leitores. Usamos aqui uma primeira pessoa do plural (nos tornarmos uma nação de leitores) por acreditarmos que, ainda que o livro tenha sido escrito na Argentina, suas constatações e propostas descrevem com precisão e se ajustam com poesia a nossos Brasis.

Vivendo em Resistência (no Chaco argentino), o autor sabe que a leitura é uma forma imprescindível de resistência e consegue contagiar aos que estão

¹ Professora de Língua Espanhola e Estágio Supervisionado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana na Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Tangará da Serra e doutoranda do Programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo.

à sua volta em prol da causa por ele defendida: “na fundação que presido (...) temos um voluntariado ativo de mais de 3 mil ‘avós contadoras de contos’, que todas as semanas visitam escolas em mais de setenta cidades do país, levando leituras a dezenas de milhares de crianças. Uma tarefa que, sustentada há já dez anos, vem dando frutos notáveis” (p. 10).

Sabendo que o conhecimento acadêmico não é o suficiente para mudarmos a relação de nossa sociedade com a leitura, a obra não se propõe somente a uma análise cognitiva ou sociológica dos motivos pelos quais não se é uma nação de leitores. Este é um livro de um autor que se coloca muito mais como uma figura que consegue mobilizar e movimentar os que estão ao seu redor, do que como um teórico tradicional a serviço do *status quo*, conforme ele mesmo afirma já na introdução (p.15): “As reflexões contidas neste livro são resultado de mais de vinte anos de trabalho e da consciência da importância e necessidade de uma política de leitura que a Argentina – como tantos outros países – necessita”. Entretanto, é de suma importância destacarmos que esse engajamento não escorrega em nenhum momento na prática irreflexiva, já que, o livro aqui em pauta trata justamente de uma reelaboração teórica de tudo o que o autor vem desenvolvendo nestas últimas duas décadas, oferecendo força à interpretação de que estas são palavras que se propõem a interferir na realidade circundante. Inclusive, no prólogo à versão brasileira, o autor nos aponta o caráter hegemônico alcançado por suas propostas: alguns dos planos de ação elencados na obra em questão já são adotados como políticas de Estado em seu país.

Ao fazer um resgate histórico sobre a importância da leitura, em um percurso diacrônico, localiza em Cervantes, ainda no princípio da modernidade, o movimento fundador da percepção do poder da leitura, já que foi o pioneiro a exortar que “ler abre os olhos” (p. 22). Desde então, a leitura seria uma prática, senão intrínseca, ao menos desejável na constituição de subjetividades e, posteriormente, no conceito de nação, categoria que reverbera no próprio título da obra aqui resenhada. Nesta linha de raciocínio, acaba por argumentar que a própria construção da tão mentada democracia dependeria de uma política de leitura séria e persistente (p. 154).

Em um tom que se assemelha ao da conversa (o que nos faz estabelecer certo paralelismo com sua defesa da leitura em voz alta como uma das principais práticas de estímulo à leitura), defende uma política leitora que seja levada a cabo por diferentes agentes (mães, pais, bibliotecárias, professores e voluntários), mas sem sua desescolarização: “a leitura deve voltar ao terreno do curricular, com tempo e espaço específicos e pautados dentro do horário escolar” (p.95), já que a entrada de diversos objetos de ensino nesse âmbito acabou, como bem sabemos, por obliterar o papel da leitura na escolarização das novas gerações. Para reescolarizar a leitura, deveríamos também “conseguir que

as estratégias sejam sustentáveis com o passar do tempo” (p. 223). Para tanto, observa “são necessárias decisão, constância e paciência” (id.). Por ser a leitura, conforme também se evidencia neste livro, um tema de tamanha importância em nossa sociedade, acreditamos que estas letras giardinellianas, cheias de paixão e mobilização, sejam de conhecimento indispensável, sobretudo em tempos de indecisão, inconstância e, como diz Coracini em *A Celebração do Outro* (Campinas: Mercado de Letras, 2007), de crise do desejo.

Ao percorrermos as 228 páginas desta obra com tradução de Víctor Barriounuevo, somos interpelados pelo convite não explicitamente formulado (pois não é verdade que o mais importante se diz entre uma linha e outra?), mas sugerido na totalidade da obra: o de nos tornarmos operários para a constante construção de uma espécie de paraíso terrenal pensado como uma biblioteca (não era assim que Borges o idealizava?), mas com a convicção certa de que, se não for para todos, não será para ninguém.